



Geopolítica e Segurança Marítima: desafios e oportunidades no Entorno Estratégico Brasileiro

Simpósio PPGEM – 3NOV2024

CMG RM1, Prof. MSc. Leonardo Mattos

Escola de Guerra Naval

leonardo.mattos@marinha.mil.br / 21-98725-4227



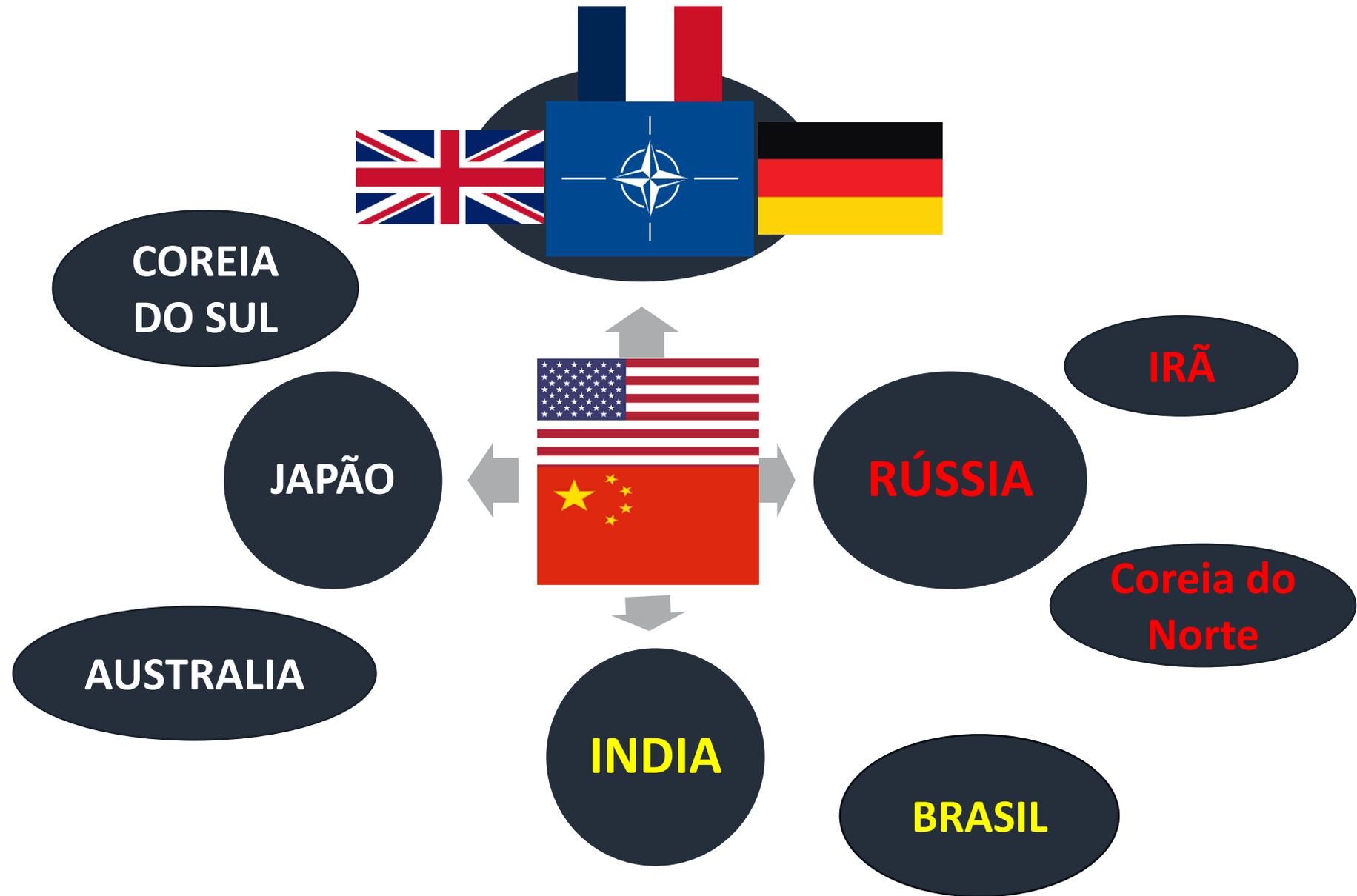
1) Introdução

2) Desafios em nosso Entorno Estratégico

3) Oportunidades

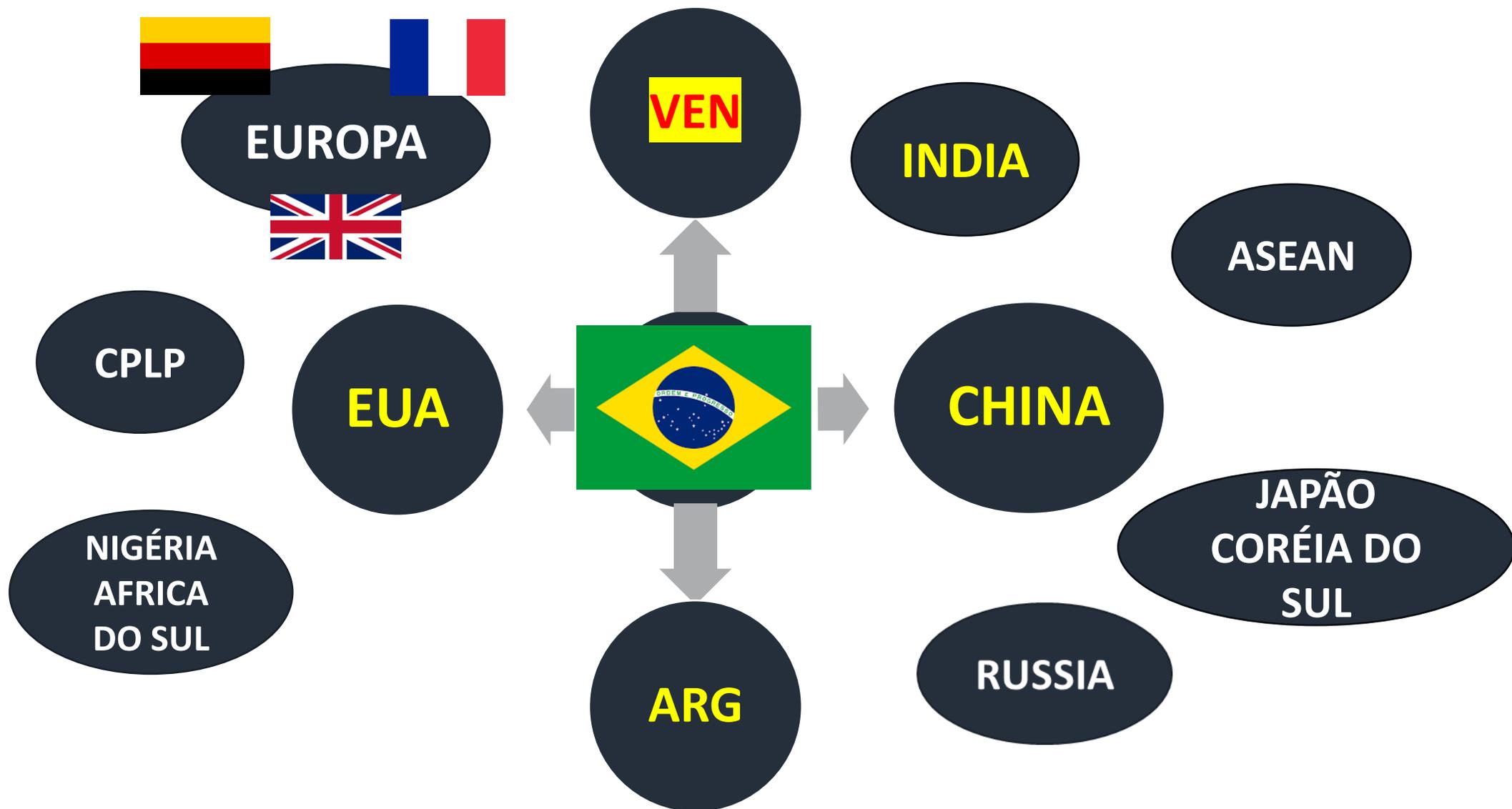


Guerra Fria 2.0





Relações Estratégicas do Brasil





1) Introdução

2) Desafios em nosso Entorno Estratégico

3) Oportunidades



Entorno Estratégico Brasileiro

❑ O termo “Entorno Estratégico” surge na **PDN 2005**:

- “O subcontinente da **América do Sul** é o ambiente regional no qual o Brasil se insere. Buscando aprofundar seus laços de cooperação, o País visualiza um entorno estratégico que extrapola a massa do **subcontinente** e incluiu a projeção pela fronteira do **Atlântico Sul** e os **países liminhos da África**”.



Entorno Estratégico Brasileiro

- Na **PND 2012**, ratificada pelo Congresso em SET/2013, temos uma alteração na definição:
 - “A América do Sul é o ambiente regional no qual o Brasil se insere. Buscando aprofundar seus laços de cooperação, o País visualiza um entorno estratégico que extrapola a região sul-americana e inclui o Atlântico Sul e os países lindeiros da África, assim como a Antártica”.



Entorno Estratégico Brasileiro

- Uma definição proposta pelo professor José Luiz **Fiori** (UFRJ), em artigo na Revista Carta Capital em **24/5/2013**, “O Brasil e seu ‘entorno estratégico’ na primeira década do século XXI”:
- “...o governo brasileiro propõe uma nova política externa que integre plenamente suas ações diplomáticas, com suas políticas de defesa e desenvolvimento econômico e, ao mesmo tempo, propõe um **conceito novo e revolucionário na história brasileira**: o conceito de “**entorno estratégico**” do país, **a região onde o Brasil quer irradiar – preferencialmente – sua influência e sua liderança diplomática, econômica e militar, o que inclui a América do Sul, a África Subsaariana, a Antártica e a Bacia do Atlântico Sul...**”.



Entorno Estratégico Brasileiro





Entorno Estratégico Brasileiro



AMÉRICA DO SUL



Encontro dos Presidentes da América do Sul – 30 de maio de 2023 – Brasília.



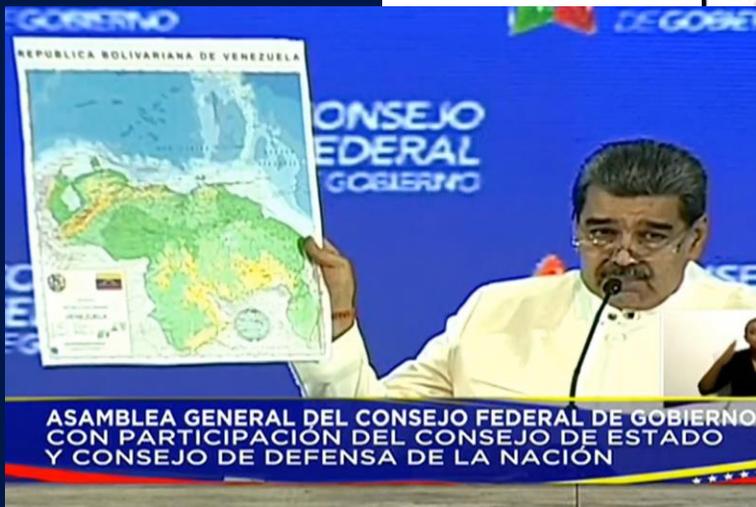
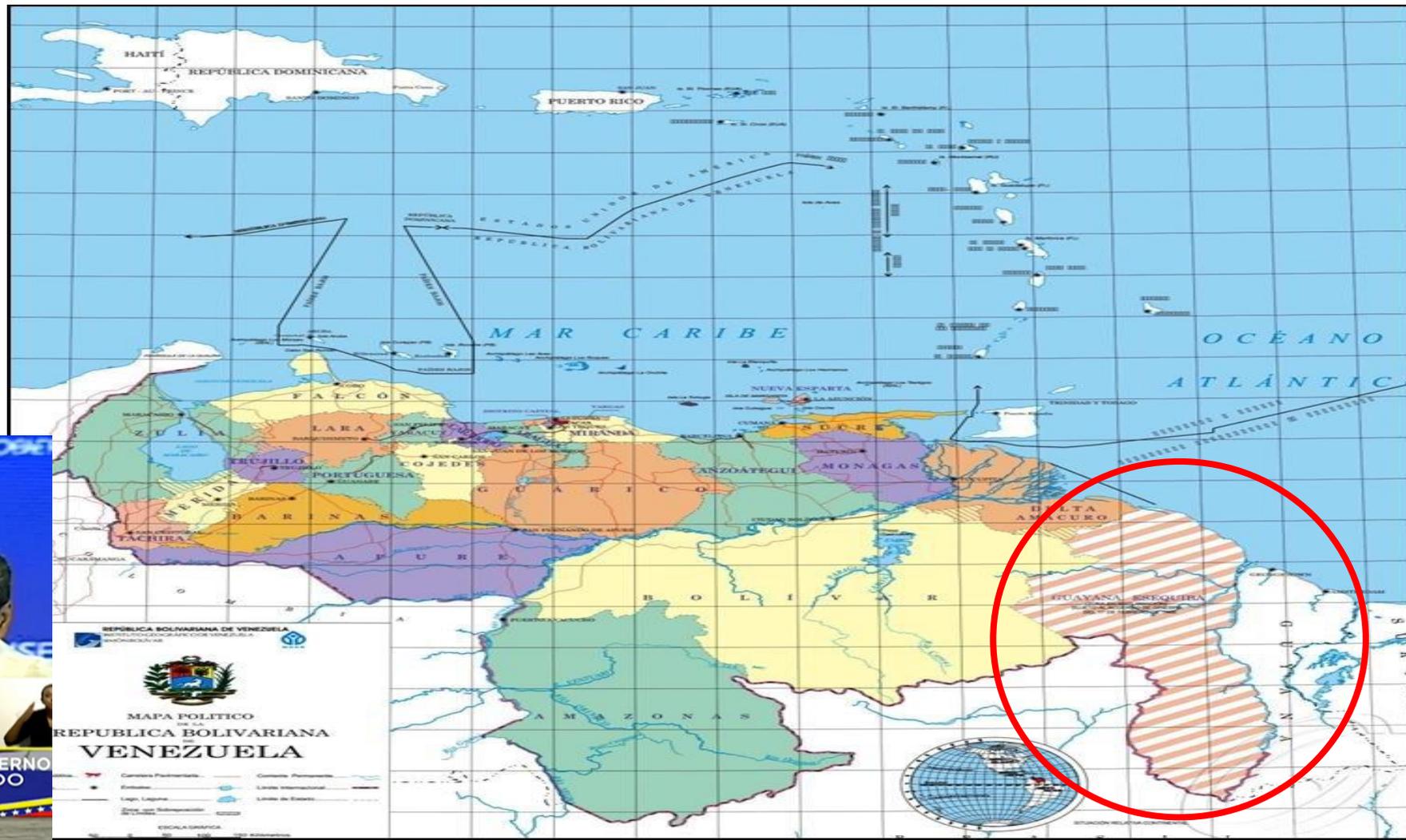
MD e MRE da América do Sul
22 de novembro de 2023 – Brasília.



* Pela constituição boliviana, a capital do país está situada na cidade de Sucre. Porém os órgãos do governo estão em La Paz, tendo a função de facto como capital da Bolívia
Fonte: ISOLA, Leda; CALDINI, Vera. 3. ed. Atlas Geográfico Saraiva. São Paulo, 2011.



Venezuela x Guiana (Disputa pelo Esequibo) Impasse pelas Eleições Gerais em 28JUL



Guiana Francesa (União Europeia e OTAN)



FRENCH GUIANA



Kourou Space Center, ESA, Fev 2021



Atlântico Sul

(Plano Estratégico da Marinha 2040)





Territórios Ultramarinos Britânicos no Atlântico Sul



Ascensão: 800 residentes + 1 mil militares britânicos em rodízio. Estação GPS e de Intel de Sinais dos EUA. Importantíssimo na Guerra das Malvinas em 1982.



Santa Helena: 4.500 hab.
Aeroporto inaug. em 2016
Onde Napoleão morreu em 1821.



Territórios Ultramarinos Britânicos no Atlântico Sul

Malvinas (ARG)/Falklands (RU)

Pop.: 3.200 hab.

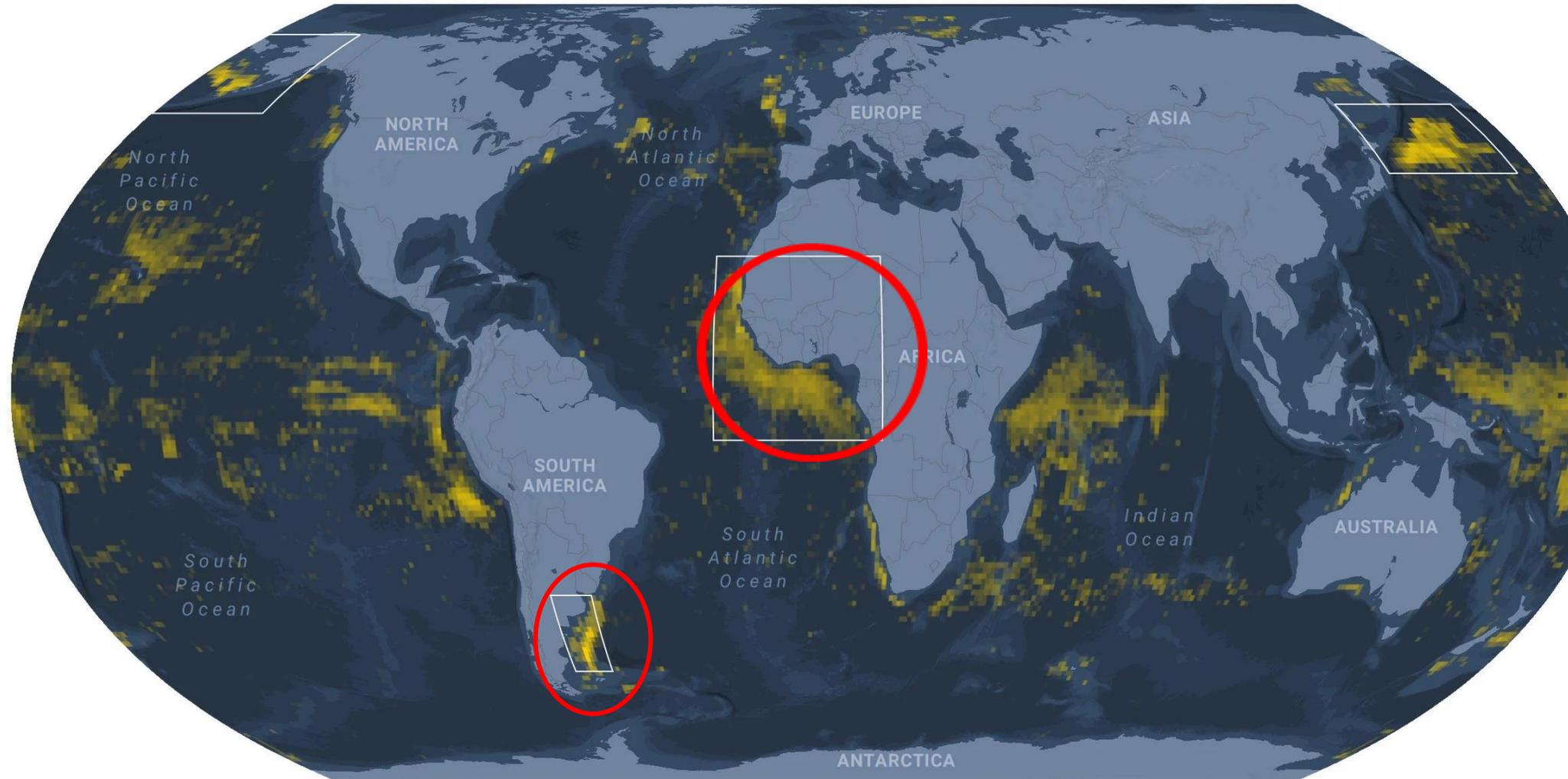
GDP: US\$ 123 milhões (pesca, lã e turismo).

Gastos Defesa: US\$ 100 milhões/ano.

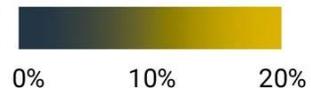




PESCA ILEGAL



FRACTION OF FISHING VESSEL ACTIVITY
OBSCURED BY SUSPECTED DISABLING



Map imagery: © MapBox, © OpenStreetMap



GOLFO DA GUINÉ





TENDÊNCIAS/DEBATES

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.
E-mail: debates@luz.com.br

A outra Amazônia

ROBERTO DE GUIMARÃES CARVALHO

TODA RIQUEZA acaba por se tornar objeto de cobiça, impondo ao detentor o ônus da proteção. Tratando-se de recursos naturais, a questão adquire conotações de soberania nacional, envolvendo políticas adequadas, que não se limitam a, mas incluem, necessariamente, a defesa daqueles recursos.

Nesse contexto, a Amazônia brasileira, com mais de 4 milhões de km², abrangendo parcela considerável da água doce do planeta, reservas minerais de toda ordem e a maior biodiversidade da Terra, tornou-se riqueza conspícua o suficiente para, após a percepção de que se poderiam desenvolver ameaças à soberania nacional, receber a atenção dos formuladores da política nacional. Assim, a região passou a ser objeto de notáveis iniciativas governamentais, que visam à consolidação de sua integração ao território nacional, à garantia das fronteiras, à ocupação racional do espaço físico e à exploração sustentada dos importantes recursos naturais ali existentes. Como exemplos dessas iniciativas podemos citar o Projeto Calha Norte e o Sistema de Proteção da Amazônia (Sipam), que inclui o Sistema de Vig

ilância da Amazônia (Sivato).

Entretanto, há uma outra Amazônia, cuja existência é, ainda, tão ignorada por boa parte dos brasileiros quanto o foi aquela por muitos séculos. Trata-se da “Amazônia azul”, que, maior do que a verde, é inimaginavelmente rica. Seria,

dele cuidássemos antes de perceber-lhe as ameaças.

Conforme estabelecido na Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar, ratificada por quase cem países, inclusive o Brasil, todos os bens econômicos existentes no seio da massa líquida, sobre o leito do mar e no subsolo marinho, ao longo de uma faixa litorânea de 200 milhas marítimas de largura, na chamada Zona Econômica Exclusiva (ZEE), constituem propriedade exclusiva do país ribeirinho. Em alguns casos, a Plataforma Continental (PC) — prolongamento natural da massa terrestre de um Estado costeiro — ultrapassa essa distância, podendo estender a propriedade econômica do Estado a até 350 milhas marítimas. Essas áreas somadas — a ZEE mais a PC — caracterizam a imensa “Amazônia azul”, medindo quase 4,5 milhões de km², o que acrescenta ao país uma área equivalente a mais de 50% de sua extensão territorial.

No Brasil, apesar de 80% da população viver a menos de 200 km do litoral, pouco se sabe sobre os direitos que o país tem sobre o mar que o circunda e seu significado estratégico e econômico, fato que, de alguma forma, parece estar na raiz da escassez de políticas voltadas



Há uma outra Amazônia, cuja existência é tão ignorada por boa parte dos brasileiros quanto o foi aquela por séculos

para o aproveitamento e proteção dos recursos e benefícios dali advindos. Logo no início, o transporte marítimo. Apesar de ser lugar-comum afirmar que mais de 95% do comércio exterior é transportado por via marítima, poucos se dão conta da magnitude que o dado encerra. O comércio exterior, soma das importações e das exportações, totalizou, no ano passado, um montante da ordem de US\$ 120 bilhões. Ademais, não é só o valor financeiro que conta, pois, em tempos de globalização, nossos próprios produtos empregam insumos importados, de tal sorte que interferências com nosso livre trânsito sobre os mares podem levá-los, rapidamente, ao colapso. A conclusão lógica é a de que somos de tal maneira dependentes do tráfego marítimo que ele se constitui em uma de nossas grandes vulnerabilidades. Como agravante, o país gasta com fretes marítimos, anualmente, cerca de US\$ 7 bilhões, sendo que apenas 3% desse total são transportados por navios de bandeira brasileira.

O petróleo é outra grande riqueza da nossa “Amazônia azul”. No limiar da auto-suficiência, o Brasil prospecta, no mar, mais de 80% do seu petróleo, o que, em números, significa algo na ordem de 2 milhões de barris por dia. Com as cotações vigentes, é dali extraído, anualmente, um valor aproximado de US\$ 22 bilhões. Novamente, não é só o valor financeiro que conta. Privados desse petróleo, a decorrente crise ener-

gética e de insumos paralisaria, em pouco tempo, o país.

Além do tráfego marítimo e do petróleo, que, *per se*, já bastariam para mensurar o significado da nossa dependência em relação ao mar, poderíamos mencionar outras potencialidades econômicas como, por exemplo, a pesca. Em que pese a vastidão da área a explorar, a pesca permanece praticamente artesanal, enfrentando dificuldades de toda ordem, que elevam os custos e limitam a produção, quando poderia ser uma valiosa fonte para a geração de empregos e, também, um poderoso aliado para o programa Fome Zero. Existem, ainda, potencialidades menos tangíveis, como os sedimentos polimetálicos, jazentes sobre o leito oceânico cuja exploração, economicamente inviável no presente, poderá se tornar considerável filão de riquezas no futuro.

Na Amazônia verde, as fronteiras que o Brasil faz com seus vizinhos são fisicamente demarcáveis e estão sendo efetivamente ocupadas por pelotões de fronteira e obras de infra-estrutura. Na “Amazônia azul”, entretanto, os limites das nossas águas jurisdicionais são linhas sobre o mar. Elas não existem fisicamente. O que as define é a existência de navios patrulhando-as ou realizando ações de presença.

Para tal, a Marinha tem que ter meios, e há que se ter em mente que, como dizia Rui Barbosa, esquadras não se improvisam. Para que, em futuro próximo, se possa dispor de uma estrutura capaz de fazer valer nossos direitos no mar, é preciso que sejam delineadas e implementadas políticas para a exploração racional e sustentada das riquezas da nossa “Amazônia azul”, bem como que sejam alocados os meios necessários para a vigilância e a proteção dos interesses do Brasil no mar.

Roberto de Guimarães Carvalho, 64, almirante-de-esquadra, é o comandante da Marinha.

Amazônia Azul

Surgimento do Conceito em 2004

Almirante Guimarães Carvalho

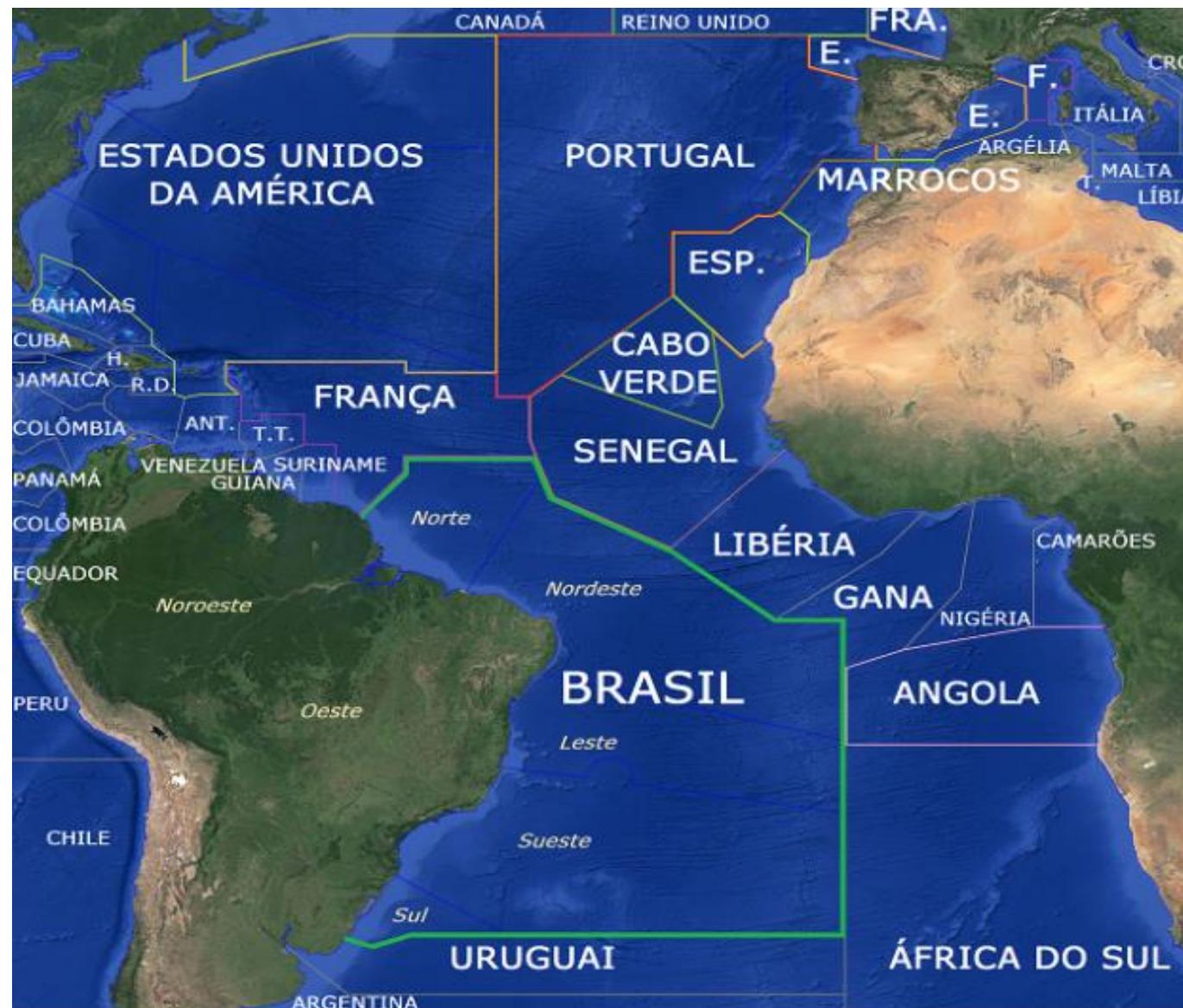
(Comandante da Marinha)

Entretanto, há uma outra Amazônia, cuja existência é, ainda, tão ignorada por boa parte dos brasileiros quanto o foi aquela por muitos séculos. Trata-se da “Amazônia azul”, que, maior do que a verde, é inimaginavelmente rica. Seria, por todas as razões, conveniente que dela cuidássemos antes de perceber-lhe as ameaças.



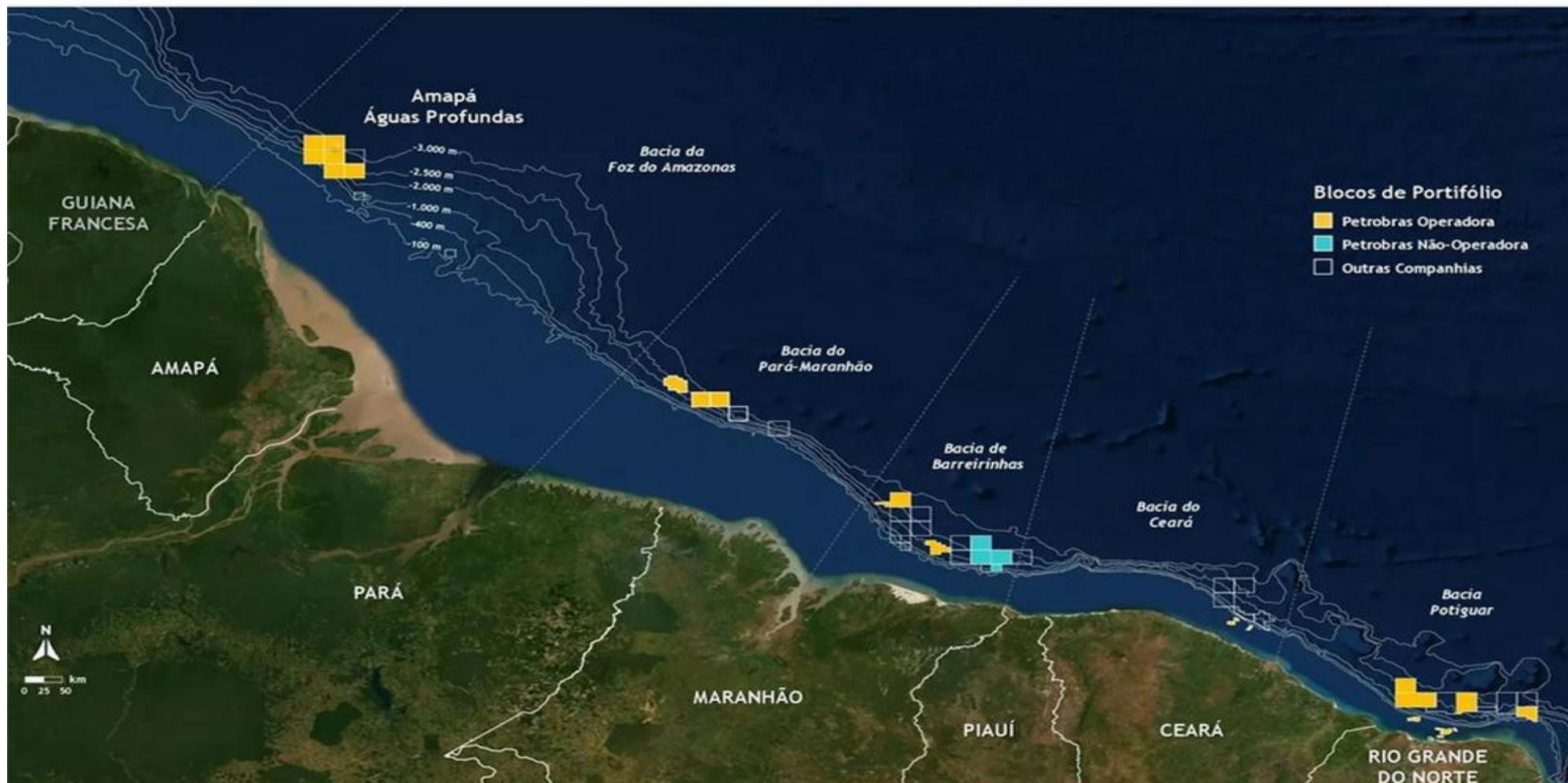
ÁREA DE RESPONSABILIDADE DE BUSCA E SALVAMENTO DO BRASIL

**14,2
MILHÕES
DE KM²**





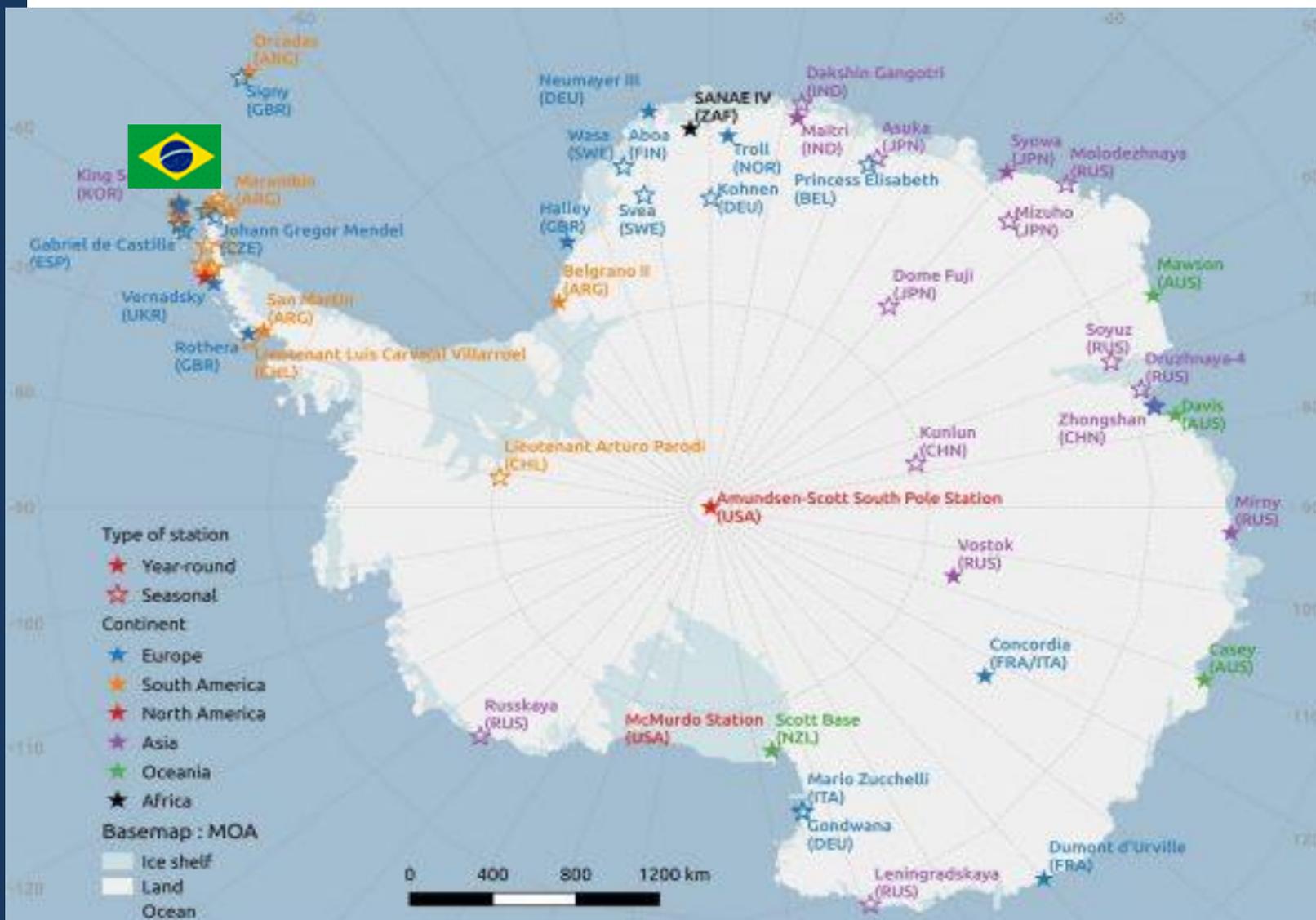
EXPLOTAÇÃO DA MARGEM EQUATORIAL É UMA QUESTÃO DE SEGURANÇA NACIONAL





ANTÁRTICA

O Continente dos Superlativos, sem soberania definida.



❖ 7 países reivindicaram território antes do Tratado de 1959.

❖ 29 países são membros consultivos do Tratado.



ESTAÇÃO “COMANDANTE FERRAZ” É O BRASIL NA ANTÁRTICA DESDE 1984





- 1) Introdução**
- 2) Desafios em nosso Entorno Estratégico**
- 3) Oportunidades**



Liderança Global

Os EUA devem se manter na liderança, mas o **crescimento chinês e indiano** é evidente.

Precisamos aumentar/diversificar nosso relacionamento com **CHINA e a INDIA.**



América do Sul

Nossa liderança precisa ser **ativa** e não reativa.

A integração regional é importantíssima.

Precisamos deixar de lado as questões

ideológicas e pensarmos geopoliticamente. As

FA e a Academia podem ajudar muito.



Atlântico Sul

O **Atlântico Sul** ainda é um espaço marítimo de menor interesse das grandes potências que estão por hora envolvidas em outras regiões. A institucionalização da **ZOPACAS** me parece importante. Qualquer ameaça contra o Brasil virá pela **AMAZÔNIA AZUL**.



África

A **ÁFRICA** é o continente que proporcionalmente mais cresce em termos de população e economia no mundo, mas ainda com enormes vulnerabilidades. É importante para defesa do **BRASIL** termos uma maior presença na **ÁFRICA LINDEIRA ao ATLÂNTICO SUL**, e não apenas no **campo militar**.



Antártica

O **Tratado Antártico** tem grandes chances de ser alterado até **2048**, permitindo alguma forma de exploração das riquezas minerais do Continente Gelado. Se queremos prever o futuro da Antártica, sugiro olharmos para o que está ocorrendo no **ÁRTICO**. Precisamos aumentar nossa presença na **ANTÁRTICA**.



Integração com a Academia

Precisamos avançar no aumento da integração de nossas Forças Armadas com a parcela civil da sociedade que estuda e se interessa pelos temas relacionados a Defesa. Já passou da hora de criarmos uma carreira de estado na área de defesa para civis.



BOLETIM GEOCORRENTE

ISSN 2446-7014

14 de dezembro de 2023

EDIÇÃO ESPECIAL: RETROSPECTIVA 2023



BOLETIM GEOCORRENTE (Quinzenal)

O **Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval** possui cerca de **65 pesquisadores civis**, graduandos e pós-graduandos. Todos os boletins já lançados podem ser consultados na página da EGN. **Quem desejar receber o Boletim, é só solicitar pelo email geocorrentenac@gmail.com.**



CONEXÃO GEO

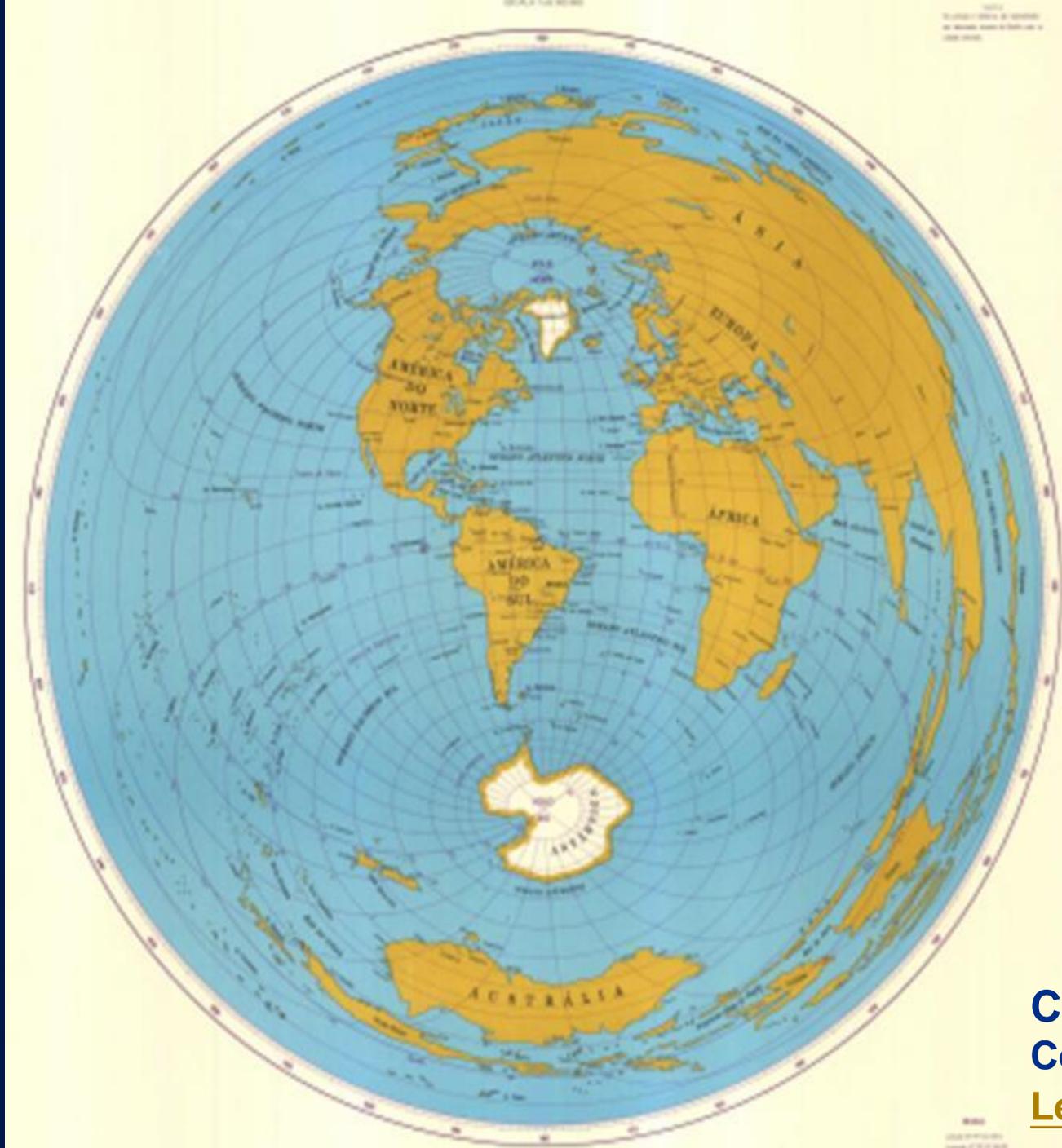
(Podcast semanal disponível no YouTube, Spotify e Applepodcast)



O **CONEXÃO GEO** foi criado em **2018** e tem como objetivo trazer uma síntese dos principais eventos da semana no campo da geopolítica corrente internacional.

Os podcasts são postados **todas as sextas-feiras.**

Mantenho página do **CONEXÃO GEO** no **Instagram, Facebook** e X para notícias correntes.



Os conflitos atuais precisam servir de alerta para a Sociedade Brasileira em relação a importância de termos Forças Armadas preparadas para defender nosso país. Ter capacidade de defesa leva tempo.

MUITO OBRIGADO!

CMG RM1, M.Sc. Leonardo Mattos
Coordenador do NAC e Prof. Geopolítica da EGN
Leonardo.mattos@marinha.mil.br / 21-98725-4227